

Gama, Vasco da- D.Manuel I nomeou-o para capitão-mor da esquadra que havia de chegar à Índia, e embaixador do rei de Portugal junto do Samorim (“senhor do mar”) de Calecute, principal potência económica e marítima daquela região, na altura. Sua missão reveste um múltiplo carácter, é ao mesmo tempo político e comercial, para não dizer propriamente militar (os meios eram escassos). Descobriu o caminho marítimo para a Índia, à cabeça de uma armada de 4 navios – a nau S.Gabriel, onde ele ia, a nau S.Rafael, sob o comando de seu irmão Paulo da Gama, a caravela Bérrio sob o comando de Nicolau Coelho, e um navio de mantimentos, à guarda de Gonçalo Nunes. Entre os pilotos seguia Pêro de Alenquer, que guiara Bartolomeu Dias na viagem até ao Cabo. A frota de Vasco da Gama larga de Lisboa a 8 de Julho de 1497, acompanhada de outra caravela onde seguia Bartolomeu Dias, que ia para S.Jorge da Mina, passa ao largo das Canárias e, a 27 de Julho, aporta à Praia de Santa Maria, actual Praia, na ilha de Santiago, Cabo Verde. Seguiam na viagem, além dos pilotos e mestres da tripulação e marinheiros, escrivães, intérpretes, religiosos, calafates, soldados e alguns degredados, para as tarefas de exploração mais perigosas. Julga-se entre 150 a 200 pessoas o número dos viajantes. A 3 de Agosto voltam ao mar e a 18 têm um percalço, quebra-se uma verga da S.Gabriel. Resolvido o problema, e tendo Bartolomeu Dias seguido o seu caminho, os quatro barcos viram então a sudoeste, numa larga volta que os vai levar até um ponto situado na costa de África, um pouco a norte do Cabo. As correntes e, sobretudo, os ventos dominantes a isso obrigavam. Preciso era que de tal houvesse um conhecimento perfeito, e a prova está dada - os ventos e correntes do Atlântico sul eram do conhecimento dos nossos navegantes, com tal rigor que não temiam embrenhar-se na profundidade do mar oceano, se não tivessem a certeza absoluta de que o mesmo vento que os levava os havia de trazer. Seria essa, a partir de então, a rota da Índia que, curiosamente, passava muito perto da costa brasileira – os ventos circulavam em sentido contrário aos do ponteiro do relógio, pelo que era bastante difícil atingir o Cabo directamente, bastando pois seguir o vento, numa volta mais larga e distante, mas muito mais rápida. A 4 de Novembro de 1497 avistam costa africana e a 7 chegam a uma baía que baptizam de Santa Helena, junto ao cabo Columbine, cerca de 25 léguas a norte do Cabo. Ali ficam cerca de oito dias para reparações e abastecimento. Vêem-se homens de pele escura e, conforme relata Álvaro Velho, “...não comem senão lobos marinhos e baleias, e trazem umas *baínhas* em suas *naturas* “ – era o sabo peniano (acabam por comprar um desses objectos por um ceitil). Mostam-lhes canela, aljôfar, ouro, várias especiarias – nada conhecem. A 16 de Novembro de 1497 partem de novo, e a 18 avistam o Cabo, fazem vários bordos e, a 22 de Novembro chegam à Angra de S. Brás, possivelmente Mossel Bay, ou Baía dos Vaqueiros, pois vaqueiros continuam por lá – até fazem negócio, e os nossos compram um boi grande e gordo por três manilhas. Estamos a 2 de Dezembro de 1497, e no dia seguinte comem-no. A acreditar em Álvaro Velho, “...a carne era saborosa como a de Portugal”. A 8 de Dezembro voltam ao mar, agora reduzidos a três navios, o dos mantimentos tinha sido destruído, a 16 estão no rio do Infante, hoje Great Fish River, limite máximo da viagem de Bartolomeu Dias, a 25 de Dezembro chegam a uma terra a que chamam Natal. A 11 de Janeiro de 1498 atingem um lugar a que chamam de Terra da Boa Gente, junto do provável rio Inharrime, a que chamam do Cobre, a nordeste da actual Maputo, onde se abastecem. A 24 de Janeiro estão na foz do rio Quelimane, a norte da do Zambeze. Aí recolhem informações agradáveis – é o Rio dos Bons Sinais. Mas nem tudo é agradável, aparecem sinais de escorbuto. Depois de algum tempo para reparações, repartem e a 2 de Março de 1498 estão na ilha de Moçambique, onde já sentem que as gentes são muçulmanas ou “...da seita de Mafamede”, segundo o nosso cronista. A 11 de Março, com piloto árabe, tentam partir

mas as condições são adversas. Voltam a tentar a partida a 27 de Março de 1498 e a 7 de Abril estão em Monbaça, actual Monbasa a 4°03 de latitude sul, no Quénia. Voltam a partir no dia 13 de Abril, depois de escaparem a uma armadilha, a 14, depois de se apoderarem de um barco muçulmano e prenderem os 17 ocupantes, chegam a Melinde, hoje Malindi a 3°13 de latitude sul, no Quénia, onde são bem acolhidos. O sultão fornece-lhes um piloto, e a 24 de Abril a armada parte de novo, desta vez só pára na costa da Índia, onde chegam a 18 de Maio e a 20 estão frente a Calecute. Ali vão estar perto de três meses. O Samorim recebe Vasco da Gama que lhe entrega a mensagem de D.Manuel I, propondo-lhe uma aliança, ao que o Indiano não responde, tentando, pelo contrário, impedir os portugueses de partir. Vasco da Gama e os seus conseguem, no entanto, embarcar e parte a 29 de Agosto de 1498 em direcção à ilha de Angediva (?n.d.r.), ao norte, onde fica até 5 de Outubro, aproveitando para fazer a revisão do material. Entretanto o tempo não é de feição, só a 2 de Janeiro estão de volta a Melinde, onde continuam a ser bem recebidos; dali partem em direcção ao sul, queimando a S.Rafael, em mau estado, por alturas de Monbaça, continuam e só param perto da ilha de S.Jorge (?), onde é colocado o último de seis (?)padrões. Chegam à Angra de S.Brás a 3 de Março de 1499 e dobram o Cabo a 20. Graças a ventos desta vez favoráveis, a 25 de Abril de 1499 estão no rio Geba, Guiné-Bissau. E mais não diz Álvaro Velho. Chegam depois a Santiago, Cabo Verde, onde Nicolau Coelho recebe ordens de se dirigir rapidamente para Lisboa, ao comando da Bérrio, onde aporta a 10 de Julho. Vasco da Gama, perante o estado de saúde de seu irmão, Paulo da Gama, gravemente doente, encarrega João de Sá, que tinha sido escrivão na S.Rafael, de conduzir a S.Gabriel até Portugal (onde arriba em data incerta, mas anterior a 28 de Agosto), ele mesmo fretando uma caravela, navio mais rápido e manobrável, para seguir a toda a brida para o reino, pela habitual rota dos Açores (mas seu irmão não vai além da Terceira), chegando a Lisboa talvez a 29 de Agosto de 1499, mais de dois anos após a largada.

***In* dicionário de História das Descobertas, de Alfredo Camacho**